

DO QUILOMBO PRA RUA: O João que vive em nós





SUMÁRIO

Parte 1

Apresentação de João

5

Parte 2

Vivências da comunidade

12

Parte 3

Migração

40

Esta cartilha foi desenvolvida de forma coletiva e colaborativa entre pesquisadores da UFMA ligados ao GETECOM (Grupo de Estudos Trabalho Escravo e Comunicação), do Departamento de Comunicação, e agentes do movimento social, principalmente representantes do MOQUIBOM (Movimento Quilombola do Maranhão) e da CPT (Comissão Pastoral da Terra) Regional Maranhão, juntamente com lideranças comunitárias quilombolas do Maranhão.

O material faz parte das ações do projeto de pesquisa Comunicação, migração e trabalho escravo contemporâneo: trajetórias de vida de trabalhadores e trabalhadoras rurais da Baixada Maranhense, com financiamento da FAPEMA e vigência entre de 2019 a 2022.

EXPEDIENTE

Concepção, roteiro e redação:

Flávia de Almeida Moura, Cristian Sena, Raiama Portela,
Rosana de Oliveira Pires, Jeyciane Elizaberth Sá Santos, Josiane Mendes
Maria Eduarda Neves Ramos e Sâmia Cristina Martins Silva

Colaboração e parcerias:

Carla Pereira, Brígida Rocha, Naildo Braga, Antônio Pavão, Maria Pavão,
Maria José Pinto, Isabel Cristina, Simone da Conceição, Lucinete Diniz,
Zé Quilombo, Elizabete Santos Lopes, Acácia dos Santos Pontes, Luís Lopes,
Francisco Paulo Barbosa Lopes, Cristiana Pinheiro, Raimunda da Conceição Pinheiro,
Edmilson Reis, João Piuca e Mariza Saraiva.

Projeto gráfico e ilustrações:

Cristian Sena, Raiama Portela

Capa:

Cristian Sena

Revisão e coordenação geral:

Flávia de Almeida Moura

Realização:



GETECOM

Apoio:



APRESENTAÇÃO

Esta cartilha é fruto de uma produção coletiva entre pesquisadores, estudantes universitários e agentes do movimento social com o intuito de construir um material paradigmático que pudesse subsidiar as discussões acerca da migração e do trabalho escravo contemporâneo nas salas de aula das escolas localizadas em comunidades quilombolas do Maranhão.

O processo de pesquisa e desenvolvimento deste material durou aproximadamente um ano. Foram feitas muitas conversas entre educadores e agentes da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e do MOQUIBOM (Movimento Quilombola do Maranhão) para que a história aqui narrada, embora seja ficcional, tenha sido construída a partir da realidade vivida pelas pessoas. Devido ao distanciamento social exigido pela pandemia da Covid-19, as conversas foram realizadas de forma virtual, pela Plataforma Google Meet, durante o ano de 2021.

Esta cartilha é parte de um projeto de pesquisa, realizado pelo GETECOM (Grupo de Pesquisa Trabalho Escravo e Comunicação) e coordenado pela professora Flávia de Almeida Moura, da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), intitulado Comunicação, Migração e Trabalho Escravo Contemporâneo: trajetórias de vida de trabalhadores e trabalhadoras rurais da Baixada Maranhense, com vigência de 2019 a 2022 e financiamento da FAPEMA (Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico do Maranhão).

Agradecemos imensamente aos queridos amigos e amigas da CPT, MOQUIBOM e moradores das comunidades quilombolas da Baixada Maranhense que dispuseram o seu tempo e a sua energia para conversas, em geral, longas e produtivas. Vocês foram fundamentais para a construção coletiva desta cartilha.

Agora, o trabalho continua nas comunidades junto aos educadores, crianças, adolescentes, jovens, adultos, anciãos e todos que possam participar desse processo de ensino e aprendizagem sobre o que é ser quilombola e também sobre os motivos que levam tantos jovens a saírem de seus locais de origem para trabalhar fora e, muitos ficarem vulneráveis a condições degradantes de vida e de trabalho.

Esperamos, de alguma forma, ter colaborado para a qualidade de vida e para a luta das comunidades quilombolas do Maranhão. Professores e gestores da Educação, usem e abusem desse material da forma que desejarem. Ele é nosso.

O NASCIMENTO DE JOÃO ★



João nasceu no Quilombo
localizado no município
na Baixada Maranhense.

complete com o nome de
seu quilombo e município

Nasceu de parto natural, com auxílio
de uma parteira da localidade, que
acompanhou a sua mãe durante todo
o período de gestação com remédios
naturais e com muita reza e amor.

Seu umbigo

foi enterrado no quintal da casa de
sua avó com a fé de que ele 'vingasse'
e fosse um menino com saúde e se
tornasse um homem de bem.

E você? Nasceu de parto natural?
Ou em hospital? Já conversou
sobre isso com sua mãe ou
responsáveis sobre isso?

Converse com seus familiares sobre o seu
nascimento e compartilhe com os colegas, em
sala de aula. Quais são as formas mais comuns
de nascimento no seu quilombo hoje?

João é filho de Neide e
neto de Nazaré, descendente de
escravos, isto é, trabalhadores
explorados que não se conten-
taram com o trabalho forçado e
criaram comunidades para viver
e se proteger; chamadas de
comunidades quilombolas.



Atividade Interativa

ESCUTE OS MAIS VELHOS

Você sabe o que é um quilombo? E o que é ser um quilombola? Busque
essas respostas com lideranças da comunidade, vizinhos ou pessoas
mais velhas para responder às perguntas abaixo:

Ficha com perguntas para a entrevista

Qual é seu **nome completo** e qual é o nome da sua
Comunidade Quilombola? _____

O que é um **Quilombo**? _____

Escolha duas palavras abaixo que melhor mostrem o que
é um quilombo. Obs.: circule as palavras escolhidas

**Liberdade – Identidade – Cultura – Povo –
Trajetória – História – Preservação – Costumes**

O que é ser **Quilombola**? _____

Anote aqui sua resposta



Agora é sua vez.
O que você acha que
é ser **quilombola**?

Comunidades Quilombolas

Territórios originados a partir da resistência e luta de pessoas negras, fugitivas do sistema escravocrata, que vigorou no Brasil até 1888. Essas comunidades são formadas por remanescentes desse período, por seus descendentes e por pessoas que se identificam com a cultura e com as tradições quilombolas.

SER QUILOMBOLA

“Nossa identidade.”
- Zé Quilombo

“Se a pessoa se identificou como quilombola, então ela é quilombola.”
- Maria José Silva Pinto

“A pele é só um detalhe, nós somos todos quilombolas e devemos nos orgulhar de ser quilombola e exigir nossos direitos.”
- Mariza Saraiva

“Ser quilombola é uma coisa gostosa, é uma coisa boa, é uma coisa que a gente traz de longas datas. Eu já nasci com esse sangue quilombola dentro de mim.”
- João Piuca

“É se sentir orgulhoso de saber de onde você veio e poder contar para os seus filhos, netos e bisnetos e saber contar.”
- Maria Santos Rabelo

“É quando o cara se define quilombola; ele tem que gostar do tambor de crioula, do forró de caixa.”
- Chagas Maranhão

“A pessoa não é quilombola só por que é negro ou por que mora no interior, mas sim porque se define quilombola.”
- Chagas Maranhão

“É dar valor à nossa resistência, é lutar pelo nosso objetivo que é de defender o nosso território.”
- Ribal

“É buscar nossas raízes, saber (sobre) nossos antepassados.”
- Maria das Neves

Quilombolas

Pessoas que se auto identificam e se definem como quilombolas, independentemente da cor ou de onde residem. São pessoas que valorizam e conhecem a cultura, a história, as tradições e as origens dos quilombos.

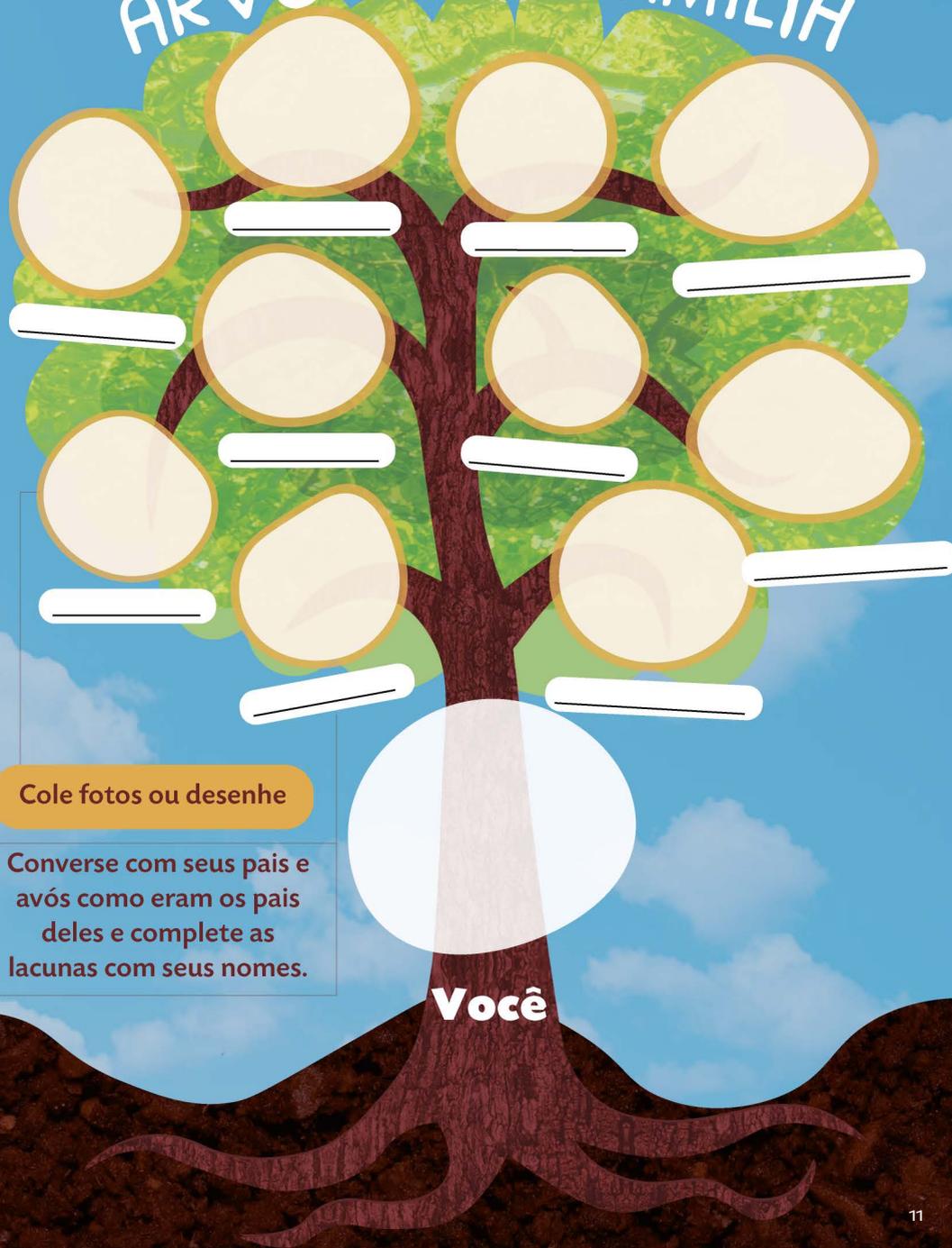
ÁRVORE DA FAMÍLIA

do João



Construa sua própria

ÁRVORE DA FAMÍLIA



João cresceu na comunidade e aprendeu a participar de várias atividades relacionadas ao quilombo, como fazer farinha, pescar, participar de festejos, cultuar os santos de devoção, trabalhar na roça, pegar coco no mato pra quebrar e fazer azeite, participar de mutirões de construção de casas e, principalmente, saber valorizar a história de seu lugar. Gosta de ajudar seu avô na casa de forno. Acompanha todo o processo: desde o plantio da mandioca até a produção da farinha e dos demais derivados, como tapioca, tucupi, entre outros.

Costuma ouvir as histórias e os conselhos do avô e dos mais velhos durante o trabalho, mas sempre fica em dúvida sobre o que vai ser quando crescer.

Sua vontade de sair do quilombo oscila com a valorização do seu lugar e de suas origens. Sente-se feliz quando consegue ver a produção -- no tempo da fartura -- e saber que participou dela, mas ao mesmo tempo, tem curiosidade de saber como é a vida na cidade grande, fora da comunidade... Nos tempos de precisão, essa vontade de sair aumenta, pensando sempre em ganhar dinheiro para ajudar a sua família.

FARINHA

Na maioria das comunidades quilombolas do Maranhão, a mandioca é plantada durante o verão, por volta do mês de agosto.



Depois de colhida, a mandioca fica descansando na água por cerca de 4 dias.



Em seguida, os agricultores descascam e lavam a mandioca para poder levá-la à casa do forno, onde será ralada – em alguns lugares, esse trabalho braçal ainda é feito com o caititu, uma espécie de ralador ou moedor – prensada, etapa antes realizada com o tipiti – tipo de espremedor feito a base de palha – peneirada no guarimã (peneira de palha) e, por fim, irá para o forno.

A massa da mandioca fica cerca de uma hora e meia no forno mexendo. Quando sai do forno, a massa volta para a peneira para tirar os caroços maiores e, com isso, é feita a farinha.



Quando a mandioca é degenerada pelas chuvas, normalmente em dezembro, para que a farinha não fique fina, eles misturam a massa (mandioca amolecida), com mandioca seca ralada.

Uma fornada de farinha enche um paneiro (cesto), que equivale a 30 kg. O quilo de farinha atualmente custa cerca de R\$10,00, podendo variar em cada comunidade e também de acordo com a safra.



A mandioca é utilizada não somente para produzir farinha, mas também para fazer massa de tapioca, bolo, mingau. Além disso, da mandioca se extrai o tucupi, líquido amarelo que precisa ser fervido e fermentado para ser consumido. O tucupi é colocado na pimenta, e usado para temperar peixe, etc. Seu Francisco afirma que tudo se aproveita da mandioca, inclusive a maniva que serve de ração para os animais.

Encontre e conecte os produtos que são feitos a partir da mandioca.

Tapioca/Grolado

Beijú

Goma

Suco

Farinha

Tapioca

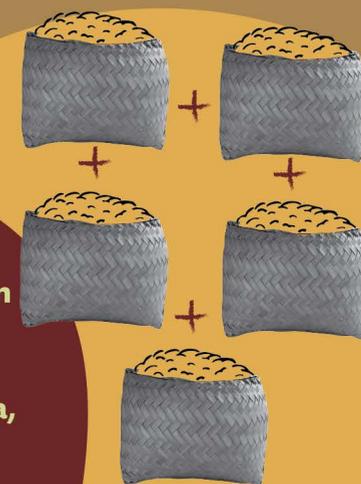
Ração para animal

Pamonha

Cuscuz

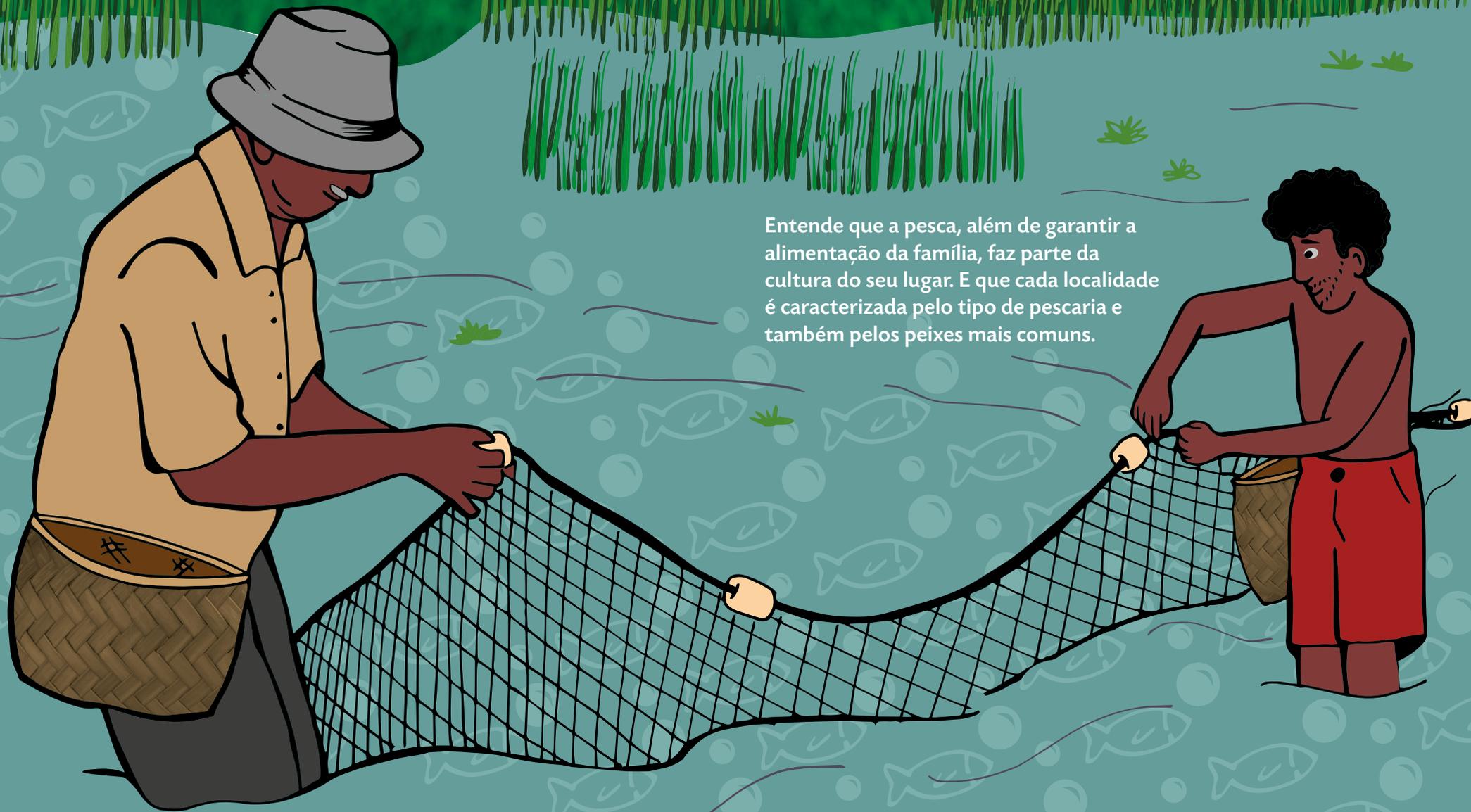
Responda você também

No último mês, Seu Francisco produziu 5 paneiros de farinha. Cada paneiro contém 30kg de farinha. Seu Francisco pretende vender cada quilo de farinha por R\$10,00. Após vender todos os 5 paneiros de farinha, quanto dinheiro terá Seu Francisco?



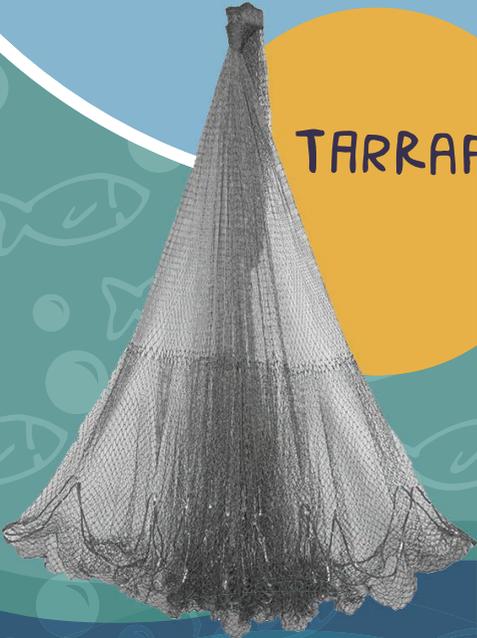
João também costuma acompanhar seu avô na pescaria. Ele gosta de pescar jundiá. Seu avô já passou muito ensinamento pra ele sobre o ciclo de vida do peixe. A época de desova e a época que pode pescar.

Entende que a pesca, além de garantir a alimentação da família, faz parte da cultura do seu lugar. E que cada localidade é caracterizada pelo tipo de pescaria e também pelos peixes mais comuns.



PESCA

Você sabia que uma das principais atividades de subsistência das famílias quilombolas é a pesca? Isso mesmo! Os numerosos rios temporários, lagos, campos inundados, riachos e igarapés que banham e conectam as comunidades, permitem aos seus moradores que complementem suas alimentações com uma variedade de peixes, como a piaba, jundiá, jeju, cabeça gorda, traíra, cascudo, sarapó, mandi, rebeca e muitos outros.



TARRAFA



REDE

Para além do alimento, a arte de pescar também é fundamental para unir e fortalecer os laços entre familiares, amigos e vizinhos. E é preciso conhecer bem o processo, o lugar onde se vai pescar e o melhor método para o período de seca e cheia dos rios.



ANZOL



PULSÁ

Agora que tal aprendermos um pouco sobre os principais tipos de pesca realizados em seu território?

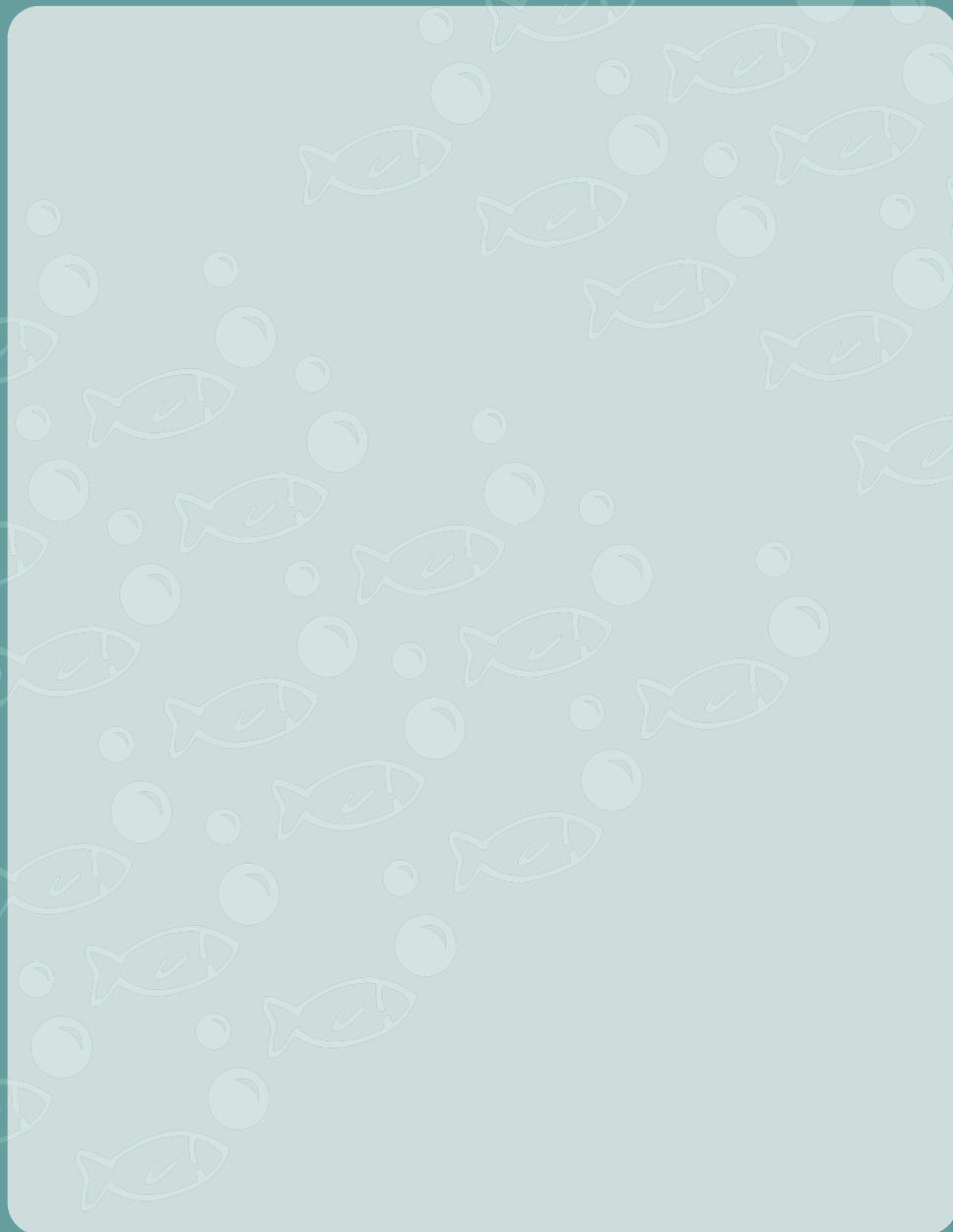


MALHADEIRA

SOCÓ

Você conhece algum desses métodos? Deixamos um espaço na próxima página para que você converse com seus colegas ou familiares e peça que o ajudem a explicar o processo de cada uma dessas pescarias.

Aproveite e descubra quais são mais utilizados em períodos de secas e de cheias e qual é o tipo de pesca mais realizado em sua comunidade.



Atividade Interativa

SABOR DA COMUNIDADE

Uma das formas de conhecer um povo é saber um pouco mais sobre sua **culinária**. Isso mesmo! Frutas, bebidas, doces, salgados, o que for comido com mais frequência em sua comunidade faz parte do que o seu povo é.

Vamos construir em turma a identidade da sua comunidade por meio de alimentos. Os alunos devem trazer alimentos comuns em sua comunidade para encher um cofo como o da imagem abaixo:



O cofo já está cheio? Então é hora de compartilhar as delícias que a turma reuniu.



Professores, sugere-se que seja feito o registro do cofo com os alimentos, seja por vídeo, seja por foto.



Atividade Interativa

MINHAS FOLHAS, MINHAS RAÍZES

Na árvore na página ao lado, faltam folhas. Para dar a ela o que falta, vamos usar a técnica de carimbo.

Etapa 1 Coletando folhas

Você deve pegar folhas de árvores da sua comunidade (quanto mais diferentes forem as folhas, melhor) e fazer carimbos usando tintas que você pode produzir em sala.

Etapa 2 Produzindo Tintas

Se o carimbo que estamos fazendo é da natureza, nada melhor do que produzir nossas próprias tintas também, não é? Escolha quantas quiser e vamos colorir nossos carimbos.

Tinta Marrom

Ingredientes:

2 colheres (sopa) de café,
100 ml de água,
100 ml de cola branca.

Modo de preparo:

misture água e café, coe para tirar o excesso de grãos e depois vá acrescentando a cola branca aos poucos até a tinta ficar como você deseja.

Tinta Vermelha

Ingredientes:

2 colheres (sopa) de corante (urucum),
100 ml de água,
100 ml de cola branca.

Modo de preparo:

misture água e cola branca e depois vá acrescentando o corante até ficar na cor que você deseja.

Etapa 3 Carimbando a árvore

Agora que você já tem todo o material necessário, mergulhe um lado das folhas que você tem nas tintas e carimbe na árvore ao lado.



Professores, sugere-se que seja feita uma exposição em sala de aula com os trabalhos dos alunos.

Escola:

Data:

Nome:

destacar página



CULTURA POPULAR

É tradição de toda comunidade quilombola realizar festejos no decorrer do ano.



De acordo com a sua história e seus costumes, as festas em geral são realizadas para os santos de devoção ou os santos padroeiros de cada região.



Comum também esses santos do catolicismo popular serem representados por outras entidades ligadas às religiões afro-brasileiras, como os orixás, voduns ou guias espirituais. Isso se chama de sincretismo religioso, isto é, o cruzamento de várias religiões com o objetivo de cultuar as entidades espirituais.

É dia de festa de São/Santa
Na comunidade ,
todos se reúnem para brincar.



CULTURA E TRADIÇÃO



Ser quilombola é conhecer suas raízes, sua história, sua cultura e seus costumes.

Que tal agora conhecermos um pouquinho mais sobre a cultura e as tradições da sua comunidade? Para isso, você precisará da ajuda de um membro da sua família mais experiente e de um celular. Sua tarefa será pedir a alguém mais velho que grave um vídeo ou áudio, junto com você, cantando uma cantiga antiga e popular ou contando uma história que represente sua comunidade. A tarefa deverá ser compartilhada em sala de aula com os colegas e professores.

Uma comunidade quilombola é caracterizada e reconhecida por sua forte carga cultural e por suas tradições. São histórias, costumes e hábitos forjados na ancestralidade e repassados para os mais novos, com o intuito de permanecer viva a essência e a identidade de cada quilombo.



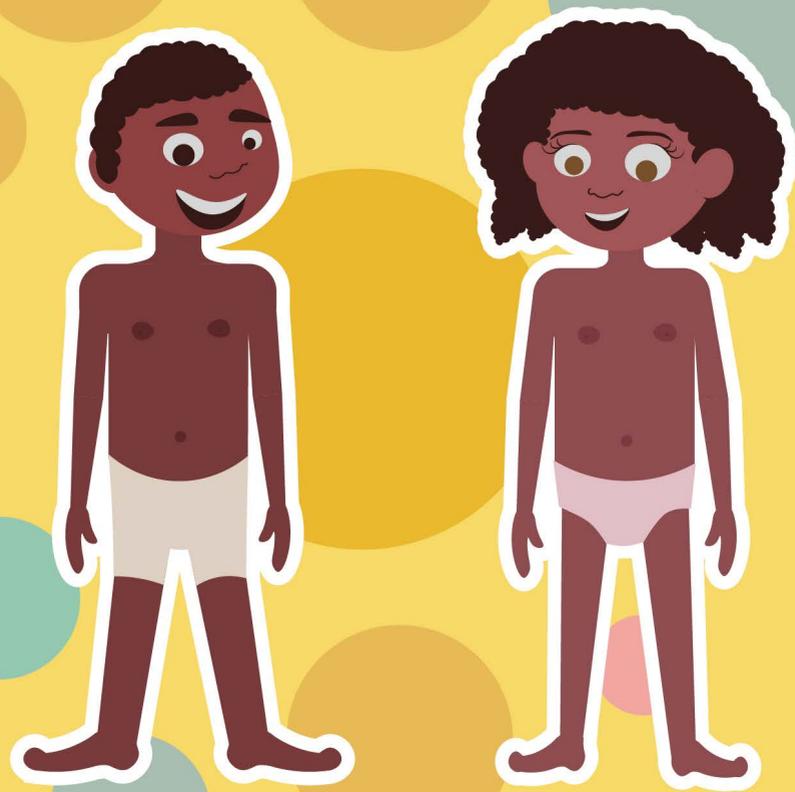
Brincadeiras, cantigas, comidas típicas, vestuário, religiosidade e manifestações da cultura popular são alguns dos elementos que ajudam a reforçar essa herança cultural e que também contribuem para a economia local e para o pertencimento dos indivíduos aos seus territórios.



Professor(a), está chegando o período festivo da sua comunidade? Então que tal pedirmos aos alunos que falem um pouco sobre essa manifestação cultural? O aluno deverá conversar com um membro ancião de sua comunidade e pedir que ele fale sobre o festejo – principais características, qual é o nome, como se originou, quais são os costumes do período, quanto tempo de duração, o que mudou ao longo do tempo – e depois apresentar na sala de aula o que aprendeu.

SE ARRUMANDO PRA FESTA

Um dos elementos mais importantes de qualquer brincadeira popular ou festejo é a roupa que usam. Por isso, destaque as vestimentas da página ao lado para vestir os bonecos com roupas comuns em rodas de **tambor de crioula** e em terreiros de **tambor de mina**, religião de matriz afrobrasileira.

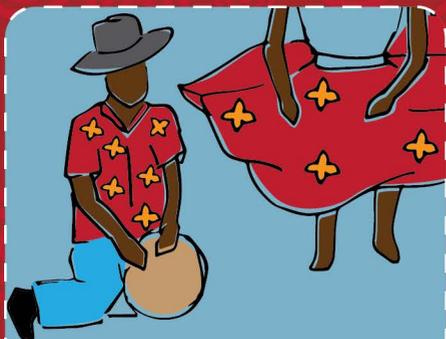


JOGO DA MEMÓRIA

A ação de brincar é fundamental para o desenvolvimento integral de uma criança. Então, que tal brincarmos um pouquinho enquanto aprendemos?

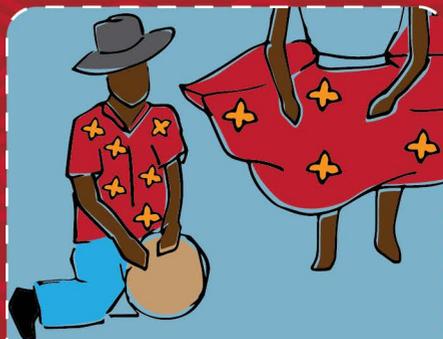
Neste jogo da memória, separamos algumas brincadeiras tradicionais, atividades e ambientes que fazem parte das comunidades quilombolas.

Peça ajuda de um adulto para recortar as fichas e depois é só aprender e memorizar.



TAMBOR DE CRIOLA

Manifestação popular que envolve dança circular e rodada, cantigas e percussão de tambores.



TAMBOR DE CRIOLA

Manifestação popular que envolve dança circular e rodada, cantigas e percussão de tambores.



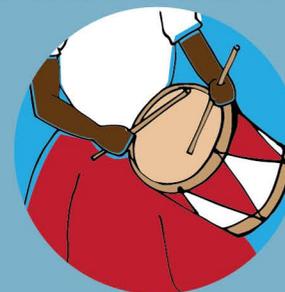
BUMBA MEU BOI

Manifestação popular que ocorre tradicionalmente no mês de junho e gira em torno da morte e ressurreição do boi. A brincadeira conta com músicos, Mãe Catirina e Pai Francisco, índios, vaqueiros e caboclos, além de outras personagens fantásticas.



BUMBA MEU BOI

Manifestação popular que ocorre tradicionalmente no mês de junho e gira em torno da morte e ressurreição do boi. A brincadeira conta com músicos, Mãe Catirina e Pai Francisco, índios, vaqueiros e caboclos, além de outras personagens fantásticas.



FARRA DE CAIXA

Festa cantada e tocada por mulheres da comunidade, que utilizam as caixas do Divino Espírito Santo para acompanharem suas cantigas. A festa conta também com casais que dançam rodopiando com passos rápidos e variados.



FARRA DE CAIXA

Festa cantada e tocada por mulheres da comunidade, que utilizam as caixas do Divino Espírito Santo para acompanharem suas cantigas. A festa conta também com casais que dançam rodopiando com passos rápidos e variados.





QUADRILHA

Dança tradicional das festas juninas, que conta com casais, coreografia bem elaborada, casamento caipira e um puxador para animar a festa.



QUADRILHA

Dança tradicional das festas juninas, que conta com casais, coreografia bem elaborada, casamento caipira e um puxador para animar a festa.



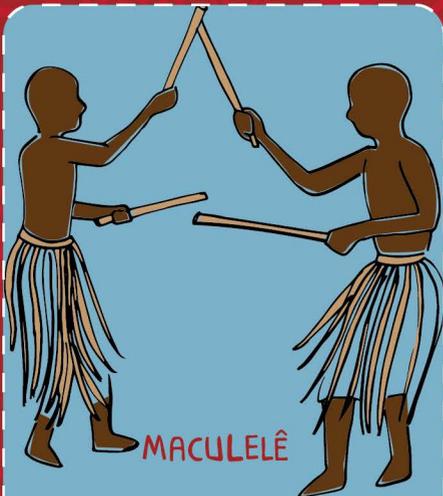
PAJELANÇA

Ritual de cura, tratamento de doenças físicas ou espirituais.



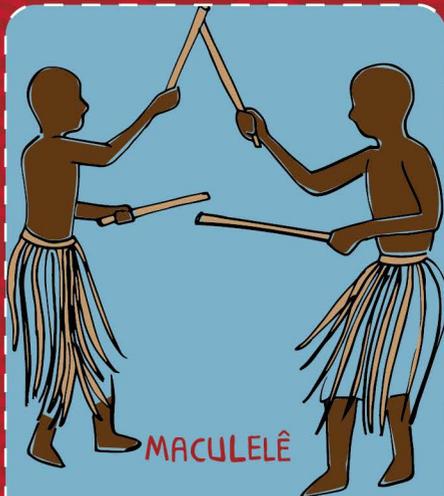
PAJELANÇA

Ritual de cura, tratamento de doenças físicas ou espirituais.



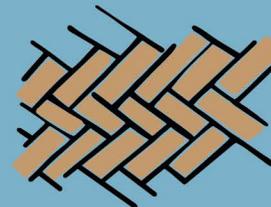
MACULELÊ

Dança que simula uma luta com bastões de madeira, ao som de atabaques e cânticos



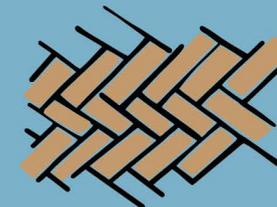
MACULELÊ

Dança que simula uma luta com bastões de madeira, ao som de atabaques e cânticos



MENSABA

Folhas de palmeira trançadas



MENSABA

Folhas de palmeira trançadas





CASA DE FORNO

Lugar em que se produz a farinha de mandioca.



CASA DE FORNO

Lugar em que se produz a farinha de mandioca.



IGARAPÉ

Pequenos rios navegáveis, com pouca profundidade e afluente de um rio maior.



IGARAPÉ

Pequenos rios navegáveis, com pouca profundidade e afluente de um rio maior.



QUEBRADEIRA DE COCO

Mulheres da comunidade que trabalham quebrando o coco babaçu, enquanto entoam cânticos, poesias, orações.



QUEBRADEIRA DE COCO

Mulheres da comunidade que trabalham quebrando o coco babaçu, enquanto entoam cânticos, poesias, orações.



BOLA QUEIMADA

Brincadeira em que duas equipes jogam uma contra a outra com o intuito de acertar a bola no adversário. O jogo acaba quando todos os membros da outra equipe forem eliminados



BOLA QUEIMADA

Brincadeira em que duas equipes jogam uma contra a outra com o intuito de acertar a bola no adversário. O jogo acaba quando todos os membros da outra equipe forem eliminados





PIQUE-ESCONDE

Brincadeira em que uma pessoa fica de olhos fechados contando até um número determinado pelo grupo, enquanto os demais participantes se escondem. Ao final da conta, o que estava de olhos fechados vai procurar pelos outros que se esconderam.



PIQUE-ESCONDE

Brincadeira em que uma pessoa fica de olhos fechados contando até um número determinado pelo grupo, enquanto os demais participantes se escondem. Ao final da conta, o que estava de olhos fechados vai procurar pelos outros que se esconderam.



CAVALO DE PAU

Brincadeira em que se usa um cabo de vassoura ou galho de árvore para ser o corpo do cavalo, barbante para ser puxador e uma lata de talco, de detergente ou qualquer outro recipiente para fazer a cabeça. Depois de pronto, é só montar e deixar a imaginação fluir.



CAVALO DE PAU

Brincadeira em que se usa um cabo de vassoura ou galho de árvore para ser o corpo do cavalo, barbante para ser puxador e uma lata de talco, de detergente ou qualquer outro recipiente para fazer a cabeça. Depois de pronto, é só montar e deixar a imaginação fluir.



PATA CEGA

Brincadeira em que se coloca um pano nos olhos de um dos participantes, gira ele e depois, de olhos vendados, ele tem que pegar uma outra pessoa para ocupar o seu lugar.



PATA CEGA

Brincadeira em que se coloca um pano nos olhos de um dos participantes, gira ele e depois, de olhos vendados, ele tem que pegar uma outra pessoa para ocupar o seu lugar.



ROUBA BANDEIRA

Brincadeira que conta com duas equipes separadas por uma linha divisória. Cada uma guarda um objeto que representa a bandeira do time e o objetivo é pegar a bandeira do outro time e levar para o seu campo. Quem conseguir pegar primeiro, vence.



ROUBA BANDEIRA

Brincadeira que conta com duas equipes separadas por uma linha divisória. Cada uma guarda um objeto que representa a bandeira do time e o objetivo é pegar a bandeira do outro time e levar para o seu campo. Quem conseguir pegar primeiro, vence.



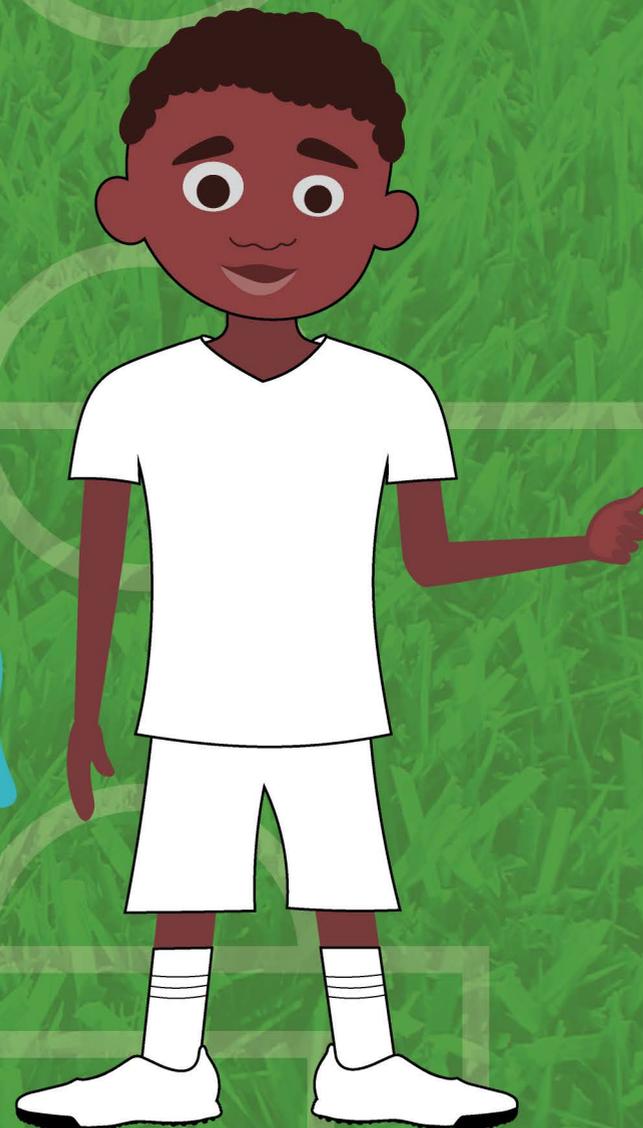


João adora futebol. Ele sempre espera o tempo da **Copa Quilombola** com ansiedade. Quando pode, participa dos torneios.



Assim como muitos jovens da comunidade, João também gosta de participar dos torneios. Que tal se divertir colorindo a equipagem do João buscando referência no time que você torce? Aproveite para destacar o nome, o desenho e as cores que representam o seu time na Copa Quilombola de Futebol.

A **Copa Quilombola** de Futebol foi realizada pela primeira vez em 2015. Atualmente, integra as comunidades maranhenses de Icatu, Itapecuru Mirim, Anajatuba, Codó, Olinda Nova, Matinha, Cururupu, Monção, Alcântara, Serrano do Maranhão, Vargem Grande, São Bento, Santa Helena, Guimarães, Peritoró e Santa Rita, movimentando várias comunidades.



Mesmo que o evento conte com a participação significativa dos apaixonados por futebol, algumas comunidades convivem com o problema de organizar um time por **falta de jogadores**. Isso acontece porque muitos jovens precisam viajar para outras localidades à procura de trabalho remunerado.



Foi numa **Copa Quilombola** de alguns anos atrás que João começou a despertar para certas coisas que quando criança não dava tanta importância. Agora, na adolescência, começava a reparar mais nos colegas.

Aquela curiosidade, desde a infância, de conhecer outros lugares fora do quilombo, volta a aflorar.

DIAS SE PASSAM...

João chega da escola e vê a casa do vizinho destruída. Conta para a mãe que ficou sabendo pelo filho da vizinha que estavam construindo uma casa de alvenaria.



Percebeu um garoto mais velho, de 18 anos, dirigindo moto, usando tênis e roupas de marca e com algum dinheiro no bolso.



Ele e alguns colegas olharam com admiração. Foi procurar saber como aquele menino havia adquirido tudo aquilo e alguém falou que comprou depois de ter voltado de uma viagem para São Paulo, onde trabalhou por seis meses como ajudante de pedreiro, em grandes obras da construção civil.



o que é alvernaria?



É tijolo!

É muito comum construir casas de barro cobertas de palha nas comunidades quilombolas. Mas tem lugares em que a alvenaria (tijolo coberto de telha) vem ganhando espaço.

**Como são as construções na sua comunidade?
A maioria das casas é de barro ou de alvenaria?**



Ligue as imagens com as identificações



Casa de pau a pique, taipa de mão ou taipa de sopapo



Casa de alvenaria (tijolo/adobe e telha de barro)



Mutirão



Madeiras recolhidas no mato para construção



Palha de babaçu para cobertura das casas

PILÃO E LIQUIDIFICADOR



O pilão e o liquidificador,
os dois vieram pra ficar.
Um tem sua história milenar
de pai, mãe, vó, vô,
suas mãos passaram por lá...

Histórias muitas para contar
socando, pilando
e até pernas de crianças deram o que contar:
socava no pilão para acertar
Cambota aberta não iria ficar.

O liquidificador veio para acelerar,
com sua velocidade veio facilitar
triturando, liquidificando,
processando em tudo que botar.
Mas com o passar do tempo, aos poucos, vai parar
e logo para a oficina vão ter que levar...

O velho pilão que no canto estava
foi logo tirado para trabalhar,
pois a sua trajetória é milenar.
Não se mede força com quem veio para ficar.

A tecnologia veio para facilitar
mas tem vida curta e logo vai parar,
pois sempre defeito ele há de dar.
O velho pilão é tradição milenar.
Defeito? Você nunca vai encontrar.

(Autoria: Rosana de Oliveira Pires)



João fica intrigado com a construção diferente da casa do vizinho. Nunca havia visto aquilo na sua comunidade. Fica encantado e com desejo de morar numa casa daquelas.

À noite, ao pé da fogueira que o avô costumava fazer no quintal em noite de lua cheia, João conversa com ele sobre esses desejos e é aconselhado pelo ancião a valorizar as coisas tradicionais de sua família e comunidade.



João insiste em dizer que já estava crescendo e podia tentar algum trabalho fora para conseguir dinheiro e construírem uma casa daquelas e terem mais conforto e um dinheiro no bolso além do peixe e da roça.



Dias depois...

o avô de João chega em casa reclamando que a pescaria não foi boa, pois os rios já não são mais como antigamente. A poluição e a falta de chuva estavam fazendo a família chegar no 'tempo da precisão' antes do esperado naquele ano.

João, mais uma vez, lembra da história que ouviu sobre alguém viajar para conseguir emprego e ter muito dinheiro.

PROPOSTA TENTA – DORA

João vai à sede, atrás de uma agência de turismo. Acha um conhecido que apresenta uma proposta tentadora.



Ele conta a proposta ao avô. O avô reluta, mas ele já está certo da decisão de viajar.

O avô conta para ele que já migrou e passou por situações difíceis.

Aconselha e entrega a João uma sanfonia da **CPT** dizendo que, se ele precisasse, poderia usar para não cair em ciladas.

“Lembre-se sempre onde o seu umbigo foi enterrado”





Atividade

Você conhece alguém da comunidade que viajou para trabalhar fora?

Faça uma pesquisa junto à sua família sobre experiências de migração. Pergunte a eles os principais motivos que os levaram a sair das comunidades quilombolas para trabalhar fora. Desenhe os principais motivos e compartilhe com os colegas.



A VIAGEM

O ônibus sai da sede do município e pega a BR. Depois de percorrer uns 20 quilômetros, sai da estrada de asfalto e pega uma estrada de piçarra. João estranha. Alguém do ônibus comenta que o motorista desviou o caminho por conta da fiscalização da Federal. João fica receoso. E a viagem estava só começando...

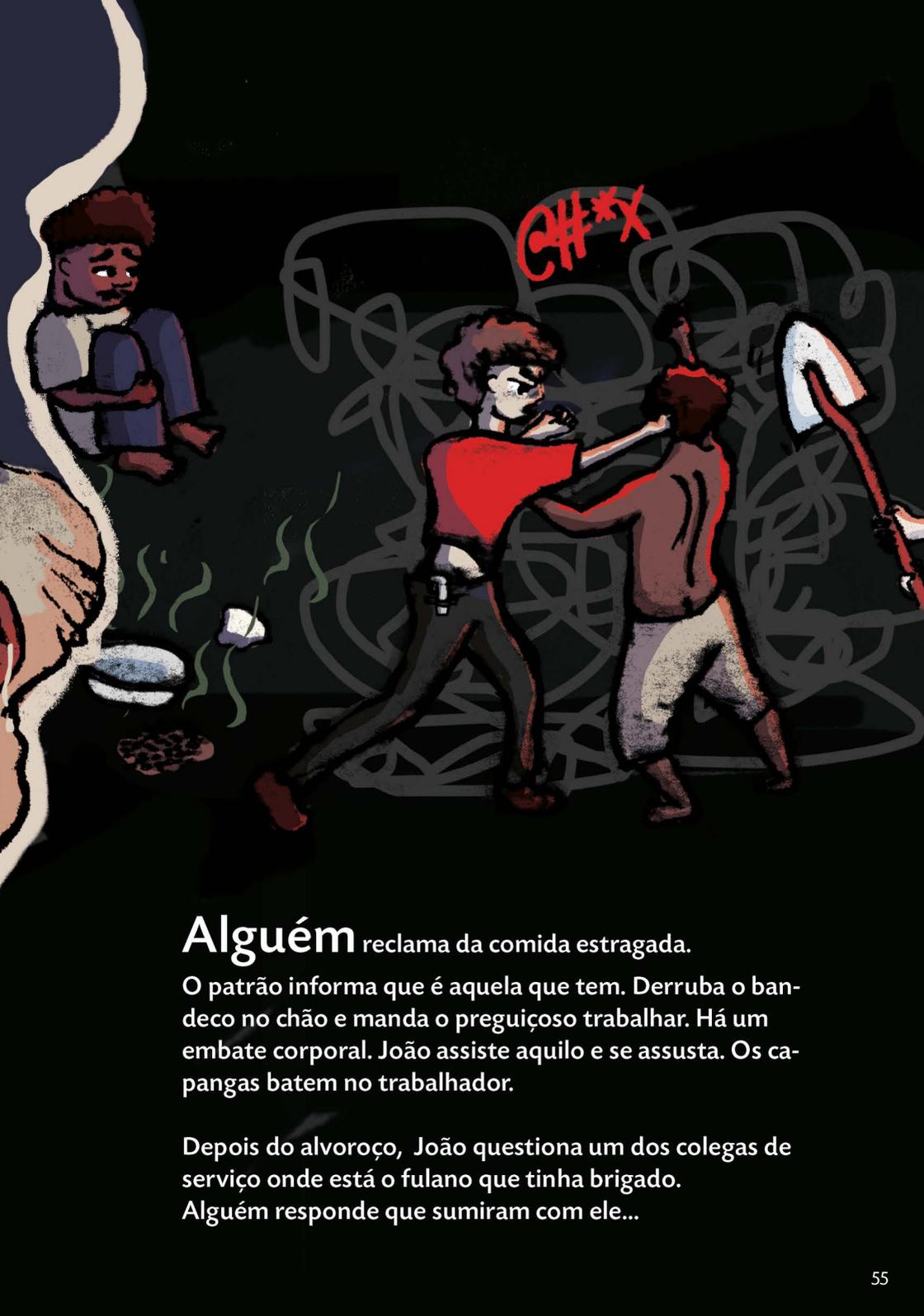
CONDIÇÕES DEGRADANTES DE TRABALHO



Depois de quase três dias de viagem, com alimentação precária, eles chegam ao local de destino (o barracão). O cheiro é horrível e as condições de dormitório e alimentação são péssimas. João sente muito frio e o chefe da turma pergunta se ele quer receber um agasalho, mas informa que será descontado

João trabalha mais de 15 horas por dia na colheita de batata e cebola e tem pouco tempo pra comer a pouca comida. Ele nem sabe o nome do município que foi parar. Só sabe que fica no Sul do Brasil.

Ele vive isso durante mais de três meses.



Alguém reclama da comida estragada.

O patrão informa que é aquela que tem. Derruba o bandedo no chão e manda o preguiçoso trabalhar. Há um embate corporal. João assiste aquilo e se assusta. Os capangas batem no trabalhador.

Depois do alvoroço, João questiona um dos colegas de serviço onde está o fulano que tinha brigado. Alguém responde que sumiram com ele...

Você sabia que em pleno século 21 ainda existe trabalho escravo?

Sim, um pouco diferente daquele da época colonial, quando os negros vieram da África e foram escravizados no Brasil.

Mas atualmente, formas de superexploração e de trabalho degradante ainda existem, infelizmente, e acabam escravizando muitos trabalhadores.

Assinale com X as características do trabalho escravo contemporâneo e converse com o (a) professor (a) e os seus colegas sobre o assunto.



Comida estragada



Água suja



Servidão por dívida



Trabalho forçado



Degradância

Jornadas exaustivas



Artigo 149 do Código Penal Brasileiro

Reduzir alguém à condição análoga à de escravo, quer submetendo-o a trabalhos forçados ou a jornada exaustiva, quer sujeitando-o a condições degradantes de trabalho, quer restringindo, por qualquer meio, sua locomoção em razão de dívida contraída com o empregador ou preposto:

Pena - reclusão, de dois a oito anos, e multa, além da pena correspondente à violência.

§ 1º Nas mesmas penas incorre quem:

I – cerceia o uso de qualquer meio de transporte por parte do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho;

II – mantém vigilância ostensiva no local de trabalho ou se apodera de documentos ou objetos pessoais do trabalhador, com o fim de retê-lo no local de trabalho.

§ 2º A pena é aumentada de metade, se o crime é cometido:

I – contra criança ou adolescente;

II – por motivo de preconceito de raça, cor, etnia, religião ou origem.”



Numa noite muito fria, João está dormindo com a cabeça encostada em sua mochila e lembrando da época em que vivia no quilombo. Sente saudades de casa, dos familiares, amigos, do futebol, dos festejos, da farinha, do peixe, da rotina da comunidade.

Ouve seu avô dizendo:

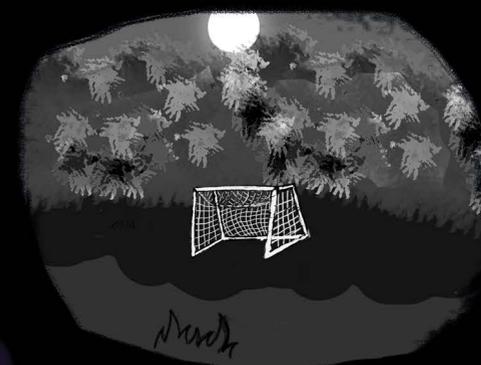
Lembre sempre onde está enterrado o teu umbigo”



ENQUANTO ISSO NO QUILOMBO...



Por conta de muitos jovens terem saído para trabalhar e ainda não terem voltado, naquele final de ano não houve Copa Quilombola por falta de jogadores.



A avó de João lembra do neto com um aperto no coração e reza por ele, pedindo ajuda à espiritualidade para protegê-lo. Sente um pressentimento de que João não está bem. Faz tempo que ele não manda notícia e nem voltou para a casa no tempo previsto.

Ao amanhecer, João toma uma decisão. Ele decide fugir. Um caminhão chega ao barracão para entregar uma mercadoria. Ele fica sabendo que aquele caminhão vai para a cidade mais próxima. Consegue se esconder na parte de baixo do caminhão e fugir para a cidade.



FUGA

João vai até a polícia e denuncia.

Quando chega lá, sente-se perdido e sem lar. Desolado. Lembra da recomendação do avô e pega a sanfoninha da CPT da mochila.

Atividade



Ajude o **João** a encontrar o caminho de volta pra casa!



Em **Casa**, depois de passar por todas essas dificuldades, medo, revolta, insegurança, frio, fome, desonra, desrespeito, **João** faz uma reflexão:

“Meus antepassados lutaram por liberdade e construíram nossas comunidades. Eu preciso lutar pela minha liberdade, pelos meus direitos de trabalhador e pelos direitos do meu povo como quilombola e como ser humano. (...) Não merecemos esse tipo de tratamento. Eu me orgulho de ser quilombola. E a partir de hoje, lutarei pelo meu povo”.

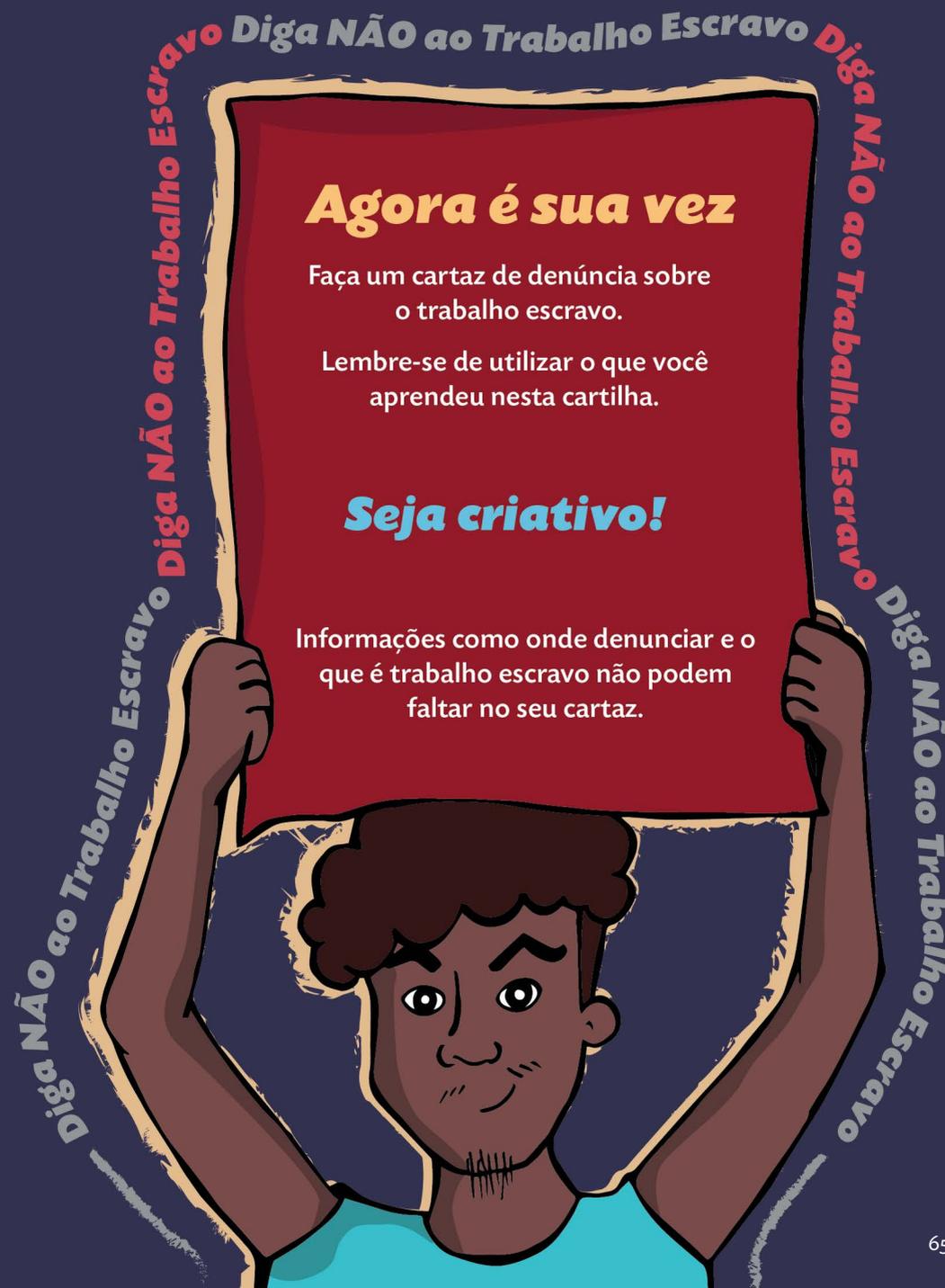




João vira um líder do MOQUIBOM (Movimento Quilombola do Maranhão) e passa a fazer um trabalho de base junto às comunidades sobre a importância da valorização da cultura e do pertencimento do lugar e da ancestralidade.



Depois disso, João viajou várias vezes, mas para estudar e para fazer articulações de melhoria das comunidades quilombolas do Maranhão. Atualmente, João mora numa comunidade na Baixada Maranhense, é professor e trabalha com projetos em benefício dos quilombolas.



Agora é sua vez

Faça um cartaz de denúncia sobre o trabalho escravo.

Lembre-se de utilizar o que você aprendeu nesta cartilha.

Seja criativo!

Informações como onde denunciar e o que é trabalho escravo não podem faltar no seu cartaz.



Realização:

Apoio:



GETECOM



SECRETARIA DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO

